

13

CASAMENTOS  
ESCANDALOSOS

IV

Quando  
O  
CONDE

ENCONTRA  
SEU PAR

STACY REID

CASAMENTOS  
ESCANDALOSOS

IV

Quando  
O  
CONDE  
ENCONTRA  
SEU PAR

STACY REID

*Book  
Publishing*

## **Dedicatória**

*Du'Sean: Para todo o sempre.*

# Prólogo

*Escócia, 1817...*

— **Q**ue o Senhor nos proteja, milady! Decerto uma criatura como esta não hesitará em nos atacar!  
É sensato alimentá-la?

Ignorando o aviso bastante dramático de Sarah, sua criada pessoal, lady Phoebe Francesca Maitland colocou um pedaço de assado suculento no chão coberto de neve perto da criatura em questão. Parecia um lobo: o primeiro que via fora das páginas de um livro de ilustrações. O grande animal cinza e preto parecia meio faminto, ferido, seus lábios superiores curvados em um rosnado perigoso mesmo quando uma lágrima escorria do olho.

Apesar do frio, Phoebe soltou o casaco verde-escuro, estendeu-o no chão e se ajoelhou para observar o animal escondido no arbusto. Ele a fitou, seus olhos escuros penetrantes e cautelosos. Com cuidado, Phoebe empurrou o pedaço de assado para mais perto do animal, na esperança de chamar sua atenção e fazê-lo comer. Ela podia ver suas costelas, mas a criatura não se aproximava da oferta suculenta que Phoebe havia pedido a Sarah para pegar de uma das cestas de piquenique.

— Por favor, coma — sussurrou ela, com a garganta doendo. — Deve doer estar com tanta fome e você é teimoso. Consigo ver a baba na sua boca.

A grande besta choramingou e recuou ainda mais para os arbustos. Será que havia sofrido maus tratos? Ela esperava mesmo que não.

— Por que não você come?

— A pessoa que estava observando no topo da colina está se aproximando, milady!

Sarah parecia bem alarmada. Ela havia mencionado minutos antes que tinha visto alguém na encosta montanhosa olhando para eles. Como a pessoa não fizera nenhum esforço para se aproximar, Phoebe não estava muito preocupada. Havia dois lacaios à distância se precisassem de ajuda.

— É um cavalheiro ou uma dama, Sarah?

— Ainda não sei dizer, milady, eu... Ah! Parece ser uma jovem — disse Sarah, aproximando-se com cautela, mas ainda a uma distância razoável da criatura que ela parecia acreditar que rasgaria a garganta das duas a qualquer momento. — E estou certa de que está se aproximando de nós.

O som de uma bota esmagando a neve ecoou atrás dela.

— Jeffers e Thomas ainda estão por perto? — Phoebe perguntou dos lacaios, que mantinham uma distância discreta mas protetora, enquanto ela se afastava das carruagens.

— Sim, milady.

O ruído determinado de passos parou, mas Phoebe não se virou.

— É melhor deixá-lo em paz — disse uma voz suave e melodiosa. — Aquele cão não tem mais vontade de viver. Tentei alimentá-lo nos últimos dias e ele se recusa por completo.

*Um cachorro?* Ela se agachou ainda mais e afastou um arbusto coberto de neve para continuar avaliando o animal. Foi então que ela notou uma coleira em volta do pescoço com um identificador de ferro.

— Por que ele não tem mais vontade de viver?

— O mestre do cão está morrendo, e parece que o animal quer segui-lo. — O tom agora se demonstrava confuso e até mesmo um tanto frustrado.

Phoebe soltou o galho coberto de neve, levantou-se e se virou para encarar a dona daquela voz. Uma jovem com uns dezesseis anos ou talvez menos, usando calças masculinas, estava com os pés afastados, os gloriosos cachos vermelhos caindo sobre os ombros e descendo até as costas em uma desordem espantosa. Grandes olhos cinzentos retribuíram o olhar de Phoebe com audácia.

— Você não parece muito afetada com a ideia da morte iminente de alguém — murmurou Phoebe.

A dor de perder seu amado irmão mais velho, Francis, alguns anos atrás, ainda permanecia no coração de Phoebe. Muitos dias, ela se deitava na grama da casa de campo de sua família em Derbyshire e se lembrava da risada estrondosa, do cheiro quente e reconfortante e da maneira como ele a envolvia em seus braços. Com a falta de resposta, Phoebe supôs que não, aquela dama não estava nem um pouco preocupada com quem estava à beira da morte.

— Então por que esta pobre besta não está ao lado do mestre?

— Ordens do médico — disse ela, sem rodeios.

Phoebe olhou para ela por alguns segundos.

— Quem é você?

A garota fechou um punho no quadril fino e ergueu o queixo.

— Sou Caroline, administradora do Castelo Glencairn.

A curiosidade de Phoebe aumentou.

— Uma administradora? Que moderno.

A garota arqueou uma sobrancelha elegante.

— Sim, de fato, e sou muito boa no meu trabalho, exceto quando se trata *dele* — disse ela com outro grunhido suave de exasperação. — E quem é você?

— Lady Phoebe. — Ela fez uma reverência rápida mas elegante. — A carruagem da minha família teve um problema com o eixo, e pensei em esticar as pernas enquanto o consertavam.

A curiosidade brilhou nos olhos da srta. Caroline.

— Você as esticou bastante, milady. Não vejo carruagens no horizonte.

Phoebe olhou por cima do ombro em direção ao leste.

— Parece que me distanciei bastante dos meus acompanhantes.

A beleza extravagante das Terras Altas escocesas a encorajara a passear por mais de uma hora. Phoebe admitia com tristeza que estava desesperada para escapar das críticas rigorosas que sua mãe estivera amontoando em sua cabeça. Parecia que seu noivado com um certo conde era iminente, e o protesto de Phoebe a respeito da união não era tolerado.

O rosnado baixo do cão a fez se mexer para mantê-lo em vista. Era curioso que o olhar dele não a deixara. Ele a lembrava do olhar de lorde Benjamin – o gato de Francis, que havia desaparecido no dia em que haviam enterrado seu irmão na cripta da família. Se o que a garota disse era verdade, aquele cão sofria porque o mestre estava sofrendo. Uma emoção forte embalou o coração de Phoebe ao olhar para o cão.

— Qual é o nome dele?

— Cão — disse a garota.

Phoebe franziu a testa.

— Que crueldade seu mestre apenas o chamar de “Cão”! — Ela olhou de volta para a menina. — Ele não se importa com este animal?

Houve uma leve hesitação, emoções fortes brilhando nos olhos da garota antes de sua expressão suavizar.

— Talvez o cachorro tenha um nome. — Ela encolheu os ombros com indiferença analisada. — Jamais me preocupei em saber.

Outra dor inesperada se apoderou do coração de Phoebe.

— Por que... por que seu mestre está morrendo?

A fachada indiferente desmoronou, e a dor, crua e poderosa, rachou o semblante de Caroline.

— Porque ele é estúpido! — Ela jogou a mão no bolso do casaco e retirou um pedaço de papel dobrado. A garota correu até Phoebe e o pressionou na mão dela. — Eu tenho procurado alguém tolo para quem dar isso!

*Alguém tolo? Ora, mais que rude!*

Então, para o alarme de Phoebe, a garota marchou até a inclinação rochosa em direção à mansão imponente, a distância. Olhando para o papel dobrado e, em seguida, de volta para a figura em retirada, Phoebe estava dividida entre aborrecimento e diversão relutante. Ela voltou sua atenção para o animal ainda agachado nos arbustos.

— Você conhece aquela criatura rude?

O cão rosnou em resposta, e Phoebe suspirou.

— Venha, garoto... *Cão* — chamou ela com firmeza.

— Talvez devêssemos deixá-lo em paz como a dama aconselha, milady — disse Sarah, um pouco inquieta. — Ela está familiarizada com a contrariedade do animal, e também é evidente que não se importa com ele.

— Suspeito que se sairmos, este cão ficará aqui e morrerá de fome.

Sarah suspirou.

— A duquesa não ficará satisfeita se encontrar a senhorita. Temo que seremos bastante repreendidas.

— Então, acredito que seremos repreendidas, mas não se preocupe muito, Sarah. Receberei o peso do desagrado da minha mãe.

Em seguida, Phoebe passou vários minutos exigindo que o cão comesse e, quando os comandos rápidos não foram bem-sucedidos, ela baixou o tom e tentou bajulá-lo. O cão não se moveu, e ela olhou para a carta na própria mão, sem entender por que agarrava o papel.

— Vai abri-lo, milady?

Phoebe suspirou.

— E provar para aquela criatura rude que sou uma tola?

Sua criada pessoal arquejou, insultada, e Phoebe sorriu.

— Ela disse que estava esperando por alguém tolo para quem entregar este bilhete, então acredito que o conteúdo será censurável para sua inteligência e talvez uma armadilha para mim. — Phoebe olhou para o bilhete, consumida pela curiosidade. — Não acredito que ela estivesse com esta carta para jogar no primeiro estranho que visse pelo caminho. Isso significa que o conteúdo não é tão importante para ela... ou talvez para qualquer outra pessoa. Ou já que ela estava nos observando, decidiu que eu era de alguma forma a pessoa certa para entregá-lo.

— Então, vai descartá-lo ou lê-lo, milady? — perguntou Sarah, olhando para o céu, que ia escurecendo, e para o local onde tinham deixado as carruagens.

A maldita curiosidade de Phoebe ganhou, e ela abriu o bilhete.

*Caro Você,*

Phoebe piscou com a saudação tão incomum.

*Obrigado pela coragem de aceitar esta carta. Pedi que fosse entregue a alguém gentil, paciente e de bom coração. Diante de você está meu melhor amigo, talvez meu único amigo, e com certeza o mais leal dos companheiros. Como minha irmã me repreendeu nos últimos dias, devido à minha idiotice descontrolada, adoecei e, pelos murmúrios sombrios e bastante dramáticos no corredor, não é provável que me recupere. Eu não temo a natureza inevitável da morte, mas me importo muito com quem cuidará do meu amigo quando eu me for. Estivemos juntos nos últimos sete anos, e ele tem trotado fielmente comigo em muitas aventuras, e mesmo através de muitos perigos permaneceu ao meu lado. Ele é corajoso e tem um coração enorme.*

Phoebe ergueu os olhos da carta.

— Eu... acredito que é uma carta do dono — disse ela, pensativa. — E ele encarregou o leitor de assumir a responsabilidade por aquela criatura muito rude.

*Seu nome é Lobo.*

— Ah, claro que é — sussurrou ela e, em seguida, com uma leve risada aliviada, olhou para o cão. — Lobo... por favor, coma! — Em seguida, segurou a respiração na expectativa. — Lobo! — Que estranho.

O cão não respondeu e, mesmo assim, seu olhar permaneceu nela. Com uma carranca, ela leu o resto da carta.

*Ele não responderá a “Lobo”, pois aprendeu a associar o som de seu nome com seu símbolo especial. Levante as mãos até o queixo com a palma aberta. Então forme um bico lateral, em seguida, estale rápido os dedos e diga o nome dele.*

Ela olhou com espanto para as instruções peculiares. Incapaz de explicar o porquê, ela as cumpriu, e seu coração quase explodiu do peito quando o cão se arrastou para se levantar em pés trêmulos.

— Lobo — disse ela baixinho e repetiu o movimento.

*Se ele respondeu a você, significa que há algo sobre sua presença que ele acha confiável. Por favor, cuide dele. Abaixo estão instruções sobre como gesticular comandos para ele e, uma vez que ele se acostumar a você, tenho certeza de que um novo vínculo será formado e ele ouvirá da maneira que você considerar falar com ele. Deixei instruções para que um valor monetário seja fornecido para o cuidado e a alimentação dele. Por favor, deixe suas informações com minha irmã para que meus desejos possam ser cumpridos.*

*Vou fechar meus olhos, e descansar tranquilo em saber que ele encontrou um novo lar.*

*Atenciosamente, Hugh.*

E abaixo de suas saudações estavam mais instruções estranhas sobre como dizer a Lobo para comer, correr, buscar, e querido Deus, até mesmo atacar.

— Que estranho!

Ela dobrou a carta, e depois de deslizá-la no bolso, Phoebe se ajoelhou no casaco. Recordando a instrução, levantou a mão em formato de bico e levou em direção da boca parcialmente aberta três vezes. Phoebe riu de alívio quando Lobo enfim deu uma mordida na carne suculenta.

— Você é muito teimoso, não é? Onde encontrou a força de vontade para resistir a comida quando está com tanta fome?

Levou alguns momentos para Phoebe reunir coragem de estender a mão e acariciá-lo. Lobo ficou imóvel sob seu toque, e o coração dela ficou abalado. Em seguida, um som pesado, áspero escapou dele e os músculos tensos sob os dedos dela relaxaram.

— Venha comigo — disse ela, baixinho, e usou os dedos para moldar o comando: *venha!*

Ele trotou até Phoebe, e ela colocou as mãos em volta da cabeça maciça. Um ruído que ela esperava que fosse de prazer saiu da garganta do cão, e o peito de Phoebe ficou pesado. Jamais tivera um animal de estimação de qualquer tipo antes. Sua mãe sempre tinha parecido alérgica a todas as criaturas, e o pai havia alimentado cada ataque histérico dela sempre que um animal ousava se aproximar da duquesa. A única exceção tinha sido para o amado lorde Benjamin, de Francis.

— Acho que poderíamos ser amigos — sussurrou ela no ouvido dele, ignorando o odor molhado e um pouco desagradável que emanava do cão. — Sempre quis um amigo ao qual pudesse confiar meus medos e minhas esperanças, um que não fofocasse sobre mim ou informasse minha mãe de meus pensamentos rebeldes.

Em seguida, Phoebe se levantou e recolheu o casaco. Com um suspiro, deu um tapinha na cabeça do cão, que, sem esforço, atingia a cintura dela. Phoebe jamais se gabara de uma altura extraordinária e agora, aos de-

zoito anos, havia aceitado que não cresceria além de sua estatura de 1,60m. O cão trotou ao lado dela, e Sarah permaneceu alguns passos atrás, não parecendo confiar no que havia testemunhado.

Se Phoebe possuísse qualquer fio de racionalidade, deixaria o animal selvagem ao próprio destino. Ela só estava ali na Escócia de férias com a família, um retiro que sua mãe precisara e um que a duquesa fazia todo ano desde a morte do filho mais velho dois anos atrás. Pior, o outro filho do duque e da duquesa, Richard – marquês de Westfall – era outra fonte de decepção porque havia reivindicado a filha bastarda em público, para a mortificação dos pais e da sociedade. Para o coração de Phoebe, as ações do irmão haviam feito dele um homem a ser admirado, e ela o amava muito. Ele certamente a encorajaria a ajudar o pobre animal.

Uma procissão de quatro carruagens se arrastava ao longo da estrada de terra em direção a Phoebe. Na comitiva de frente estava sua mãe com a companheira de viagem e criada pessoal. Seu pai, o duque de Salop, tinha ido para a Inglaterra na semana anterior. A segunda carruagem estaria vazia, uma vez que Phoebe viajava sozinha com sua criada. E nas outras duas estavam todos os baús e os criados. Não houve confusão ou agitação da carruagem da frente quando a segunda parou, e um lacaios ajudou Phoebe a entrar.

O calor que a envolveu foi imediato, e com um suspiro pesado, ela se sentou no assento bem acolchoado. Sarah se colocou na frente de Phoebe, e nenhum dos lacaios protestou quando ela ordenou que Lobo subisse na carruagem e ficasse no seu lado. Phoebe pegou a cesta carregada com mais comida do que ela e Sarah poderiam comer e começou a alimentar com cuidado o cão com carne cozida, a qual ele mastigou sem qualquer hesitação.

— Confesso que não estou nada satisfeita em voltar para Londres — disse ela a Lobo depois que ele comeu a última fatia de carne. Ela deu um tapinha no colo. Sua criada lhe lançou um olhar de horror, como se a besta fosse atacar a dama a qualquer momento.

O cão considerou por muito tempo antes de se aproximar e descansar a cabeça no colo dela.

— Bom garoto. Seremos maravilhosos amigos! No entanto, acho que precisaremos providenciar um banho para você quando chegarmos no local em que nos hospedaremos mais tarde. — Com um suspiro, confessou: — Se não fosse pelo querido George, acho que fugiria. Ou talvez devêssemos fugir juntos e o escândalo que fosse às favas!

— Por favor, milady — pediu Sarah, inquieta. — Não é sábio continuar pensando sobre o jovem senhor. A duquesa... — Sua criada pessoal abriu a cortina da carruagem e espiou como se para garantir que a duquesa não estivesse sentada misticamente ouvindo a conversa. — A duquesa não deve saber do afeto que têm um pelo outro!

Para Phoebe, o sr. George Hastings era um jovem respeitável e talentoso, mas embora fosse de uma família bem relacionada, não poderia ser considerado um marido elegível para a filha de um duque. Eles tinham sido amigos desde crianças, e nos últimos tempos havia emoções mais tenras borbulhando entre eles.

— Ele me ama, Sarah — murmurou Phoebe. — E ousou dizer que o calor preenchendo meu íntimo toda vez que o vejo, em breve crescerá para significar muito mais. Estou certa disso!

— Por favor! O amor não é “caloroso”!

Phoebe franziu a testa e se mexeu no assento da carruagem.

— Então como é, já que você experimentou o amor?

Sarah corou, um tom rosa florescendo em suas bochechas, e desviou o olhar por um instante.

— Isso pouco importa. O sr. Hastings é apenas o segundo filho de um visconde! A senhorita sabe das grandes aspirações da duquesa, então por que persiste em irritá-la, milady?

Phoebe afastou as cortinas da carruagem e olhou para a paisagem em movimento pontilhada de neve. Estava sendo bastante difícil convencer a mãe de que não queria se casar com o conde de Dumont. Apenas importava o poder, a riqueza e que as conexões da família seriam consideradas pela sociedade como sendo muito bem equiparadas. Durante aquelas seis semanas passadas em férias prolongadas com os pais, Phoebe tentou

não pensar em seu anúncio de casamento iminente, mas apenas em como escapar daquela situação. Phoebe estava cansada de fingir ser a borboleta social obediente e impensada que sua mãe insistia que ela deveria ser o tempo todo.

Phoebe poderia ter vivido apenas dezoito anos, mas havia uma necessidade desesperada dentro dela de desfrutar de uma vida gratificante. E isso não seria feito caminhando alegremente para as terríveis armadilhas que o duque e a duquesa haviam lhe preparado.

*Encontrarei uma maneira de escapar... ah, se encontrarei!*

# Capítulo um

*Cinco meses e três dias depois...*

*Mulberry Park, Derbyshire*

Um homem fazer um anúncio em um jornal à procura de uma esposa era sem dúvida inesperado, chocante e alarmante em qualquer circunstância. Porém, para a mente de Lady Phoebe, aquele senhor tinha um certo humor peculiar somado ao caráter ultrajante.

*Um cavalheiro rico e respeitável procura uma mulher de bom senso, com um temperamento simpático e adequado, para se casar. Esta pessoa deve ser uma dama da alta estirpe, estar familiarizada com o intrincado funcionamento da alta sociedade, e ser capaz de introduzir outras pessoas dentro da sociedade com confiança. Esta dama será obrigada a sediar muitos bailes, jantares de caridade e políticos e outros eventos. Embora a atratividade seja uma benção, não é uma exigência rígida. Esta dama deve ser do tipo sensata, prática e não propensa a dramas ou aos desmaios. Deve ser de uma família respeitável sem escândalos ligados ao nome. Conexões respeitáveis e influentes e confiáveis são um ativo; no entanto, a riqueza não é necessária.*

*As interessadas podem responder ao endereço abaixo, e instruções adicionais serão enviadas. Observe que cada resposta será cuidadosamente verificada antes que um pedido de casamento seja feito.*

*Atenciosamente*

— Ora, não consigo acreditar! A ousadia desse suposto cavalheiro é demais. — Phoebe arquejou, rindo da audácia e da natureza escandalosa de procurar uma esposa dessa maneira em vez de passar pelo mercado casamenteiro. E como estava aliviada de que tal leviandade pudesse entrar em seu coração quando o medo tinha sido um ocupante constante nos últimos meses.

Às pressas, examinou as páginas do jornal para ver se o anúncio era o único daquele tipo. O homem era imperdoável. Procurando uma esposa em um anúncio que toda a sociedade podia ver e especular? A pobre mulher, quem quer que fosse, teria dificuldade em se recuperar das fofocas de outras damas. Qual seria a dificuldade de alguém descobrir a verdadeira identidade daquele cavalheiro Rico e Respeitável? Suas próprias ações convidariam escrutínio e escândalo, mas ele ousaria exigir que sua futura esposa não tivesse nenhum escândalo ligado ao nome *dela*.

*Seu hipócrita!*

Phoebe mordeu a torta de mirtilo e, com alguma diversão, anotou o endereço de resposta do anúncio. Aquele cavalheiro, se pudesse pensar nele como tal, esperava de verdade que uma dama de boa família respondesse ao ultrajante anúncio. Ele merecia receber um grande sermão! A ideia a fez rir outra vez.

— Phoebe — repreendeu a mãe, tirando a atenção do quadro que estava bordando com cuidado. Era espalhafatoso e não muito bem-desenvolvido, mas pelo menos parecia que ela estava fazendo algo considerado adequado para uma dama.

— Já falei diversas vezes que uma risada tão desenfreada é bastante inapropriada...

— Para a filha de um duque — concluiu Phoebe, revirando mentalmente os olhos enquanto abaixava com cuidado o jornal. Ela se perguntou se ele era inglês ou escocês. Se fosse escocês, isso explicaria a falta de tato e decoro. Enquanto estava na Escócia, sua mãe lamentava diversas vezes a falta de refinamento e das boas maneiras do povo escocês comparado aos ingleses. Phoebe muitas vezes ansiava por tal relaxamento nas gentilezas sociais, achando a maneira direta muito acolhedora.

Sentindo o olhar abrasador da mãe, disse:

— Entendo, mãe. Li algo bastante divertido nos anúncios desta semana da *Gazette* e por um instante me esqueci de seus ensinamentos graciosos.

O ombro esguiado da mãe enrijeceu.

— É sobre seu irmão?

— Não, mãe... — disse Phoebe, baixinho. — Nem todo escândalo é sobre Richard. E ousou dizer que os jornais que o mencionam estão errados.

No entanto, Richard, futuro duque de Salop e marquês de Westfall, não era bem-vindo nas residências do pai e evitado pela sociedade nos tempos atuais. A hipocrisia da sociedade não tinha limites, porque Phoebe estava ciente de que quando seu pai morresse, correriam para o lado de Richard como o novo duque para o adular e lisonjear.

— Um cavalheiro Rico e Respeitável fez um anúncio procurando uma esposa! A senhora já ouviu algo tão notório na alta sociedade? Decerto ele deve saber o escândalo que acarretará, sobretudo se a identidade dele for descoberta.

Sua mãe franziu os lábios, mas não se dignou a responder. Pelo visto, tais assuntos estavam muito abaixo da duquesa para justificar seus comentários. Phoebe suprimiu o sorriso e voltou, ansiosa, sua atenção às notícias, em busca de menções mais escandalosas. Sua boca secou, e tensão a percorreu ao espiar uma menção de seu irmão, o marquês de Westfall.

Phoebe suspirou aliviada quando notou que era apenas uma menção de que ele havia aparecido em um baile com sua deslumbrante marquesa e que tinha dançado com a esposa, escandalosas três vezes.

— Que chocante — murmurou ela, divertida, mais uma vez achando as palhaçadas da sociedade bastante engraçadas. Foi com aquele humor inesperado que permaneceu em seu coração que ela pediu que lhe fossem levados pena, tinteiro e papéis para uma pequena mesa. Uma vez que estava sentada diante da mesa, ela mergulhou a pena no tinteiro e escreveu ao canalha que pensou ser aceitável fazer um anúncio procurando uma esposa. Daria grande satisfação responder tamanha afronta, já que ela duvidava muito que outra dama o fizesse.

*Caro Cavalheiro Rico e Respeitável,*

*Por motivos que devem ser evidentes para um homem de sua importância, não revelarei minha identidade. Embora eu possa confessar que uma parte minha duvida da sua capacidade para raciocinar, dada a situação que me levou a escrever esta carta. Por favor, saiba que sou uma dama da alta estirpe e considero a ideia do seu anúncio de procura a uma esposa algo insustentável e verdadeiramente digno de um cafajeste! Não posso pedir desculpas por minha ousadia, decerto perceberia que não seria sincera. Nem acredito que se importaria com as opiniões de uma dama com o qual não é familiarizado de modo mais íntimo, mas ainda assim precisei mandar esta carta.*

*Ouso dizer, embora espere-se que damas sejam decorosas, adequadas, respeitadas o tempo todo, com todos os dentes e também bonitas o bastante, perceberá que somos mais do que as criaturas fáceis de controlar que a sociedade espera. Uma dama da alta estirpe e com bom senso esperaria pelo menos alguns poemas, flores, conversas sobre arte e longas caminhadas no parque para que um homem fosse considerado digno da união. Claramente, falta-lhe qualquer tipo de respeito ou afeição para com o sexo mais delicado. Eu ficaria bastante surpresa se o senhor recebesse respostas dignas de consideração, ou devo dizer que ficaria ainda mais surpresa se houvesse silêncio, uma vez que tenha anunciado sua riqueza, não crê? Ouso perguntar por que um homem de sua respeitabilidade não teria a cortesia e a adequação requeridas e cortejaria a dama ao qual deseja noivar? E o amor? E a amizade? Não são esses os verdadeiros fundamentos pelo qual uma pessoa deve desejar estabelecer um casamento?*

*Atenciosamente,*

*Uma Dama Curiosa*

Phoebe não deixou nenhum endereço e deu instruções ao laçao para entregar a carta o mais rápido possível e esperar uma resposta caso o cavalheiro desejasse emitir uma.

Para seu descrédito, não podia evitar aguardar uma resposta do homem rude.

\*\*\*

Alguns dias depois, Phoebe ficou perplexa quando o mordomo lhe entregou uma carta em cima de uma bandeja de prata na suntuosa biblioteca de sua casa. O livro que estivera lendo, *Ivanhoé*, de Walter Scott, foi esquecido rapidamente quando sr. Martin indicou que o homem tinha pagado seu laçao para carregar a carta dele e aguardar a resposta.

Embora tivesse esperanças, Phoebe não havia imaginado que fosse receber uma resposta ao seu sermão em formato de carta.

*Cara Dama Curiosa,*

*Não vou agradecê-la por sua carta ofensiva ou desperdiçar meu tempo com respostas educadas. Não consigo imaginar nada mais cansativo do que gentilezas fúteis, sobretudo as hipócritas. Acho que fiquei igualmente compelido a responder sua... ousadia. Uma esposa é uma companheira, que administrará bem a casa de seu marido, educará eventuais filhos sobre o decoro condizente com sua posição na vida e deve esforçar-se para fazer companhia a seu marido com lealdade. O amor tem pouco a ver com isso. Se não fossem as circunstâncias urgentes, acredito que teria tentado cortejar, embora não possa dizer que o teria feito com longas caminhadas e recitando poesia. Não tenho certeza do que isso revelaria a meu respeito além de que tenho pernas robustas e que sei ler.*

*Diga-se de passagem, dada sua falta de endereço, convenci seu criado a entregar minha carta e devolver sua resposta, se tiver alguma. Serei generoso ao pagar por seus esforços.*

*Atenciosamente,*

*Um Cavalheiro Rico e Respeitável*

A resposta foi a precursora de diversas trocas nas semanas seguintes. A mão de Phoebe tremia, pela adrenalina, quando respondeu:

*Caro Cavalheiro Rico e Respeitável,*

*Lealdade não é um substituto para o calor e o afeto. Não acharia insuportável ter uma esposa que valoriza apenas sua riqueza e suas conexões?*

*Cara Dama Curiosa,*

*Acharia tal esposa sincera em suas exigências. Porém, não é assim que a sociedade se comporta? Casar-se por conexões e prestígio? O que mais deveria estar nos meus critérios?*

*Atenciosamente,*

*Um Cavalheiro Rico e Respeitável*

*Caro Cavalheiro Rico e Respeitável,*

*Amor e amizade. Como alguém pode existir dentro da união sem alegria e felicidade?*

*Atenciosamente,*

*Uma Dama Curiosa*

*Cara Dama Curiosa,*

*Amor, surpreende-me. A maneira ousada e corajosa na qual repreendeu-me erroneamente incentivou-me a acreditar que seria uma criatura da lógica e do pragmatismo. Estava equivocado em tudo, pois formei a opinião de que poderia ser uma dama acima de determinada fantasia. Vejo que estava errado. A senhorita é fantasiosa... uma pessoa que acredita na noção romântica de amor e cortejo. Confesso que não acredito nem desacredito de tais sentimentos. Admito francamente que sou indiferente à emoção e acredito que ela não tem lugar em um casamento. Uma pessoa não se casa, de fato, por afeto. Os casamentos são negócios e uniões políticas. São feitos por razões práticas, e espero uma esposa com inclinações semelhantes.*

*Atenciosamente,*

*Um Cavalheiro Rico e Respeitável*

Phoebe dobrou a carta mais recente que recebera do homem que procurava uma esposa e foi participar da deliciosa refeição. O cozinheiro havia se superado ao assar um dos bolos favoritos de Phoebe para a mesa do café da manhã. Surpreendeu-a o grau em que antecipava receber uma carta do misterioso cavalheiro. Ela muitas vezes encontrava seus pensamentos distraídos com perguntas sobre a identidade dele e por que estava longe da sociedade. Não acreditava que ele fosse um homem com título. Talvez um comerciante, um negociante ou um rico proprietário de terras.

Contudo por que ele era tão indiferente ao amor?

*Quem é você, e por que estou tão curiosa a seu respeito?*

Phoebe refletiu sobre sua resposta e estava derramando o chocolate quente em uma xícara quando a porta se abriu, e o mordomo entrou no cômodo.

— Vossa Graça — disse sr. Martin para a mãe de Phoebe, após uma breve reverência. — Sua Graça, o duque, envia suas desculpas por não poder manter sua promessa de fazer o desjejum com a senhora e Lady Phoebe esta manhã. O sr. Hastings pediu uma reunião urgentíssima e não pode ser ignorado.

O estômago de Phoebe embrulhou de modo alarmante; ela serviu com cuidado o chocolate quente, rezando para que seu rosto estivesse sereno. O sr. George Hastings, um de seus amigos mais queridos, havia chegado duas horas adiantado, e uma sensação quase desagradável borbulhava no estômago dela. Ele pretendia pedir-lhe a mão em casamento para o pai dela. Tinham planejado com cuidado cada palavra que ele devia expressar naquele dia. A felicidade dela... a felicidade *deles* dependia de cada palavra que ele dissesse ao pai de Phoebe.

A duquesa olhou de relance para ela, bruscamente.

— Você sabe o motivo dessa reunião, Phoebe?

— Não sei — murmurou ela, tomando um gole da deliciosa bebida. — Minhas lições começam hoje às dez. O sr. Hastings não mencionou ontem que chegaria cedo.

*Uma verdade parcial.* Não gostava de mentir para sua mãe, mas era necessário.

— O sr. Hastings está esperando Sua Graça na sala de estar — disse o mordomo, e Phoebe soube que era dirigido a ela. O sr. Martin tinha visto ela e George em um abraço íntimo algumas semanas antes, e para seu choque, não os havia relatado ao duque e à duquesa.

— Se me der licença, mãe. Vou até a sala de música praticar uma sonata que eu queria que o sr. Hastings ouvisse.

Os lábios da duquesa se achataram.

— Não consigo entender por que seu pai não demite esse garoto. Já faz anos que você o superou no pianoforte, e ele não está mais apto a ser chamado de mestre e você de aluna. Vi a maneira como ele ousou sorrir para você quando passei pela sala de música em sua última aula.

A respiração de Phoebe acelerou. A porta da sala de música estava sempre entreaberta, e um lacaio ficava do lado de fora. Eles haviam tomado cuidado de prestar atenção ao decoro desde aquela noite, algumas semanas antes.

— Mãe...

— O sr. Hastings não é o tipo de homem a que uma jovem com suas conexões e seu decoro deve estender o mínimo incentivo! Falarei com seu pai para encerrar os serviços dele. Hoje será sua última lição. — A duquesa deu uma fungada antes de menear a cabeça em concordância com a partida de Phoebe.

A jovem caminhou apressada até a biblioteca do pai como se os cães infernais de Dante a perseguissem, precisando saber o que George diria ao duque. Phoebe planejava bisbilhotar descaradamente! Ela bateu, e quando a voz do pai não respondeu, Phoebe abriu a porta e entrou. Correndo para as janelas que iam do chão até o teto, deslizou para trás das cortinas parcialmente fechadas assim que a porta se abriu mais uma vez.

Fechando os olhos com firmeza, ela sussurrou aos céus:

— Obrigada!

Nos murmúrios, ela distinguiu as vozes do pai e de George. *Coragem, querido George, coragem.*

Phoebe prendeu a respiração, sentindo uma terrível expectativa atravessar seu corpo. Ela estava pressionada contra as janelas largas, de frente para os jardins suntuosos da propriedade do pai, e enormes cortinas verde-escuras a escondiam da cena dramática que se desdobrava na biblioteca.

— O que foi, homem? Fale logo! — retrucou o duque com bastante impaciência, do jeito que Phoebe estava bem acostumada.

Como ela desejava poder espiar e ver onde eles estavam, embora pudesse imaginar o pai atrás da grande mesa de carvalho, os braços cruzados, o rosto bonito e severo, enrugado de irritação.

— Se me permite... eu... tenho algo de extrema importância para discutir com o senhor, Vossa Graça.

— Assim seu bilhete disse — reforçou seu pai, a voz baixa e ríspida. — Concedi esta audiência porque usou palavras como “terrível” e “arruinada” junto com o nome de minha filha!

Deslizando os dedos pela fenda nas cortinas, Phoebe a separou e olhou para o homem com quem prometera se casar e seu pai, o duque de Salop. George corou, puxou o lenço como se isso o impedisse de respirar. Ela teve certeza de ouvir o suspiro de pavor dele de onde estava. Simpatia a atravessou, e Phoebe desejou poder ficar ao lado dele, para entrelaçar seus dedos e garantir que tudo ficaria bem.

— Eu... eu gostaria da permissão para pedir a mão da sua filha em casamento.

Phoebe prendeu a respiração. George não tinha começado bem. Primeiro, deveria ter estabelecido a vantagem de tal união, embora houvesse pouca na mente dos pais dela, depois fazer o pedido com uma forte sugestão ou ameaça de que eles *deveriam* se casar. A insinuação de intimidade seria suficiente para o pai correto, embora implacável, dar seu consentimento.

— Como?

Phoebe fechou os punhos com firmeza. Sempre que o tom do seu pai abaixava de tal maneira, até mesmo sua mãe, uma mulher bastante arrogante e certa do lugar que ocupava neste mundo, hesitava. Entretanto, George ergueu a cabeça com coragem.

— Lady Phoebe e eu temos sido melhores amigos por mais de dez anos. Nós nos amamos... e eu gostaria de sua bênção para me casar com ela. Sou o filho de um visconde e tenho conexões, Vossa Graça. Informei ao meu pai... meu pai... ontem de nosso afeto, e ele está muito satisfeito com esta união.

*Muito bom, George*, ela encorajou em silêncio. Uma menção a que outros soubessem do afeto entre eles causaria um escândalo se não recebessem permissão para se casar.

Um silêncio que parecia cheio de perigo cobriu a biblioteca. Ela esperou, nervosismo correndo seu íntimo, torcendo os dedos.

— Acredito que terei prazer em enterrá-lo por sua ousadia — disse seu pai, com suavidade letal. — O segundo filho de um visconde, pedindo a mão da filha de um duque. Que ridículo. Sua família não está apta para lambar a sola das minhas malditas botas!

George empalideceu e lançou um olhar desesperado para a porta. Incapaz de suportar vê-lo enfrentar o pai sozinho, ela empurrou de lado a cortina e correu para a frente.

— Pai, perdoe-me por entrar sem avisar, mas tive essa ousadia porque este assunto é de extrema importância!

George parecia prestes a desmaiar, seus olhos abatidos e suas bochechas avermelhadas. E o semblante do duque era frio, furioso e implacável.

Phoebe ficou quieta por um momento.

— Pai — disse ela, odiando o tremor em sua voz. — Por favor...

— Fique em silêncio! Haverá consequências desagradáveis como resultado dos seus modos obstinados!

Ela vacilou com seu tom brusco, mas levantou o queixo de forma decidida.

— Temo que não possa ficar calada, pai, e devo falar sobre minha esperança de um futuro com... G... com o sr. Hastings.

— Como pode pensar em pedir tal coisa de mim e de sua mãe quando sabe as expectativas que temos a seu respeito? — questionou o duque, direcionando o olhar gélido para ela. — Um casamento entre os dois é impensável pelo padrão de nossa família.

*Porque somos melhores amigos, e por causa de uma noite de celebração que levou a muitas intimidades compartilhadas.* Para sua mortificação, ela mal se lembrava daquela noite, quando haviam se encontrado escondido na alcova do jardim, rindo como loucos porque George tinha recebido uma bolsa de estudos para a Academia Real de Música. Havia sido ideia dela pegar o xerez e dois copos do escritório do pai e encontrá-lo quando todos na casa já tivessem se recolhido.

Eles haviam bebido e bebido... e tinha sido alguma loucura e rebelião nela que a encorajara a se inclinar para a frente e beijar George na boca. Phoebe lembrou do beijo sem jeito, da maneira doce e tímida que tinham se despido enquanto riam, o calor que havia desenrolado em seu peito quando ele prometeu cuidar dela para sempre. Houve alguns momentos desajeitados, um leve desconforto, e então George gaguejou que na noite de núpcias seria muito melhor. Phoebe ficara perplexa e bastante decepcionada que a paixão de que os poetas haviam escrito era tão imemorável. Apesar de estar um pouco confusa por causa do xerez, Phoebe acreditava do fundo de seu coração que queria tal resultado, pois assim o velho conde não seria mais um pretendente para se casar com ela. E, então, teria permissão para viver uma vida que sem dúvida traria felicidade ao seu coração e lar.

— O sr. Hastings me ama, e eu também tenho grande afeto por ele. Nós *devemos* nos casar, pai — disse ela, corajosa, odiando como seu coração batia furioso no peito.

O duque enrijeceu, descrença arregalando seus olhos dourado-escuros.

— Você está arruinada?

Phoebe fechou os olhos, suas bochechas ficando coradas.

— Pai, por favor, eu...

Um estrondo alto a fez abrir os olhos. Uma jarra repousava em pedaços no tapete, e um líquido deslizava na parede da lareira. A fúria gélida no rosto do duque era uma que ela nunca tinha visto. Phoebe escutou um baque e olhou para baixo vendo que George havia desmaiado. Seu coração bateu mais forte, e sua garganta se apertou com dor e preocupação.

A porta se abriu. Sua mãe entrou e fez uma pausa espantada.

— Winston! — exclamou ela, com a mão no peito. — O que está acontecendo?

— Feche a porta — disse o duque, de uma maneira muito desagradável.

A duquesa assim o fez e caminhou em direção a eles. Ela encarou George por um instante e, em seguida, Phoebe e o vidro quebrado no chão.

— Qual é o significado disto?

— Sua filha... nossa filha obstinada e *estúpida*, permitiu-se ser arruinada por... — Seu pai fechou os olhos.

A duquesa arquejou.

— *Arruinada?*

Phoebe envolveu os dedos com firmeza na cintura. Pensou que tinha se preparado para a reação de seus pais à notícia. Ela se sentiu terrivelmente assustada.

A duquesa a rodeou.

— Trate de refutar a suposição escandalosa de seu pai neste instante!

— O sr. Hastings e eu... nós... nós... — Como era difícil dizer com seus pais a olhando. — Nós nos beijamos... e... e... — As sensibilidades que ela pensara que havia abandonado havia muito anos a fizeram erguer a cabeça, e ela corou.

A duquesa endireitou os ombros.

— Qualquer coisa tola que você tenha feito não será discutido e nem se cogitará levar adiante! Você vai se casar com Lorde Dumont, e acabou de provar que deveríamos ter forçado esse casamento semanas atrás, em vez de permitir que aproveitasse a temporada!

Uma sensação terrível se alojou nas proximidades do coração de Phoebe. Seus pais não tinham sido benevolentes ao permitir que aproveitasse a temporada, mas tinham precisado esperar o conde, que ainda tinha algumas semanas para sair do luto. Eles consideravam bastante o que era apropriado e nunca tolerariam anunciar um noivado antes que a partida da segunda esposa do conde houvesse completado ao menos um ano. Phoebe estava vivendo com tanta ansiedade e tanto pavor, contando os meses e as semanas para quando o noivado fosse ser anunciado. Os dias de viver com tanta ansiedade e tanto medo tinham lhe afetado, e Phoebe estava desesperada por algo... *qualquer coisa* que fosse diferente.

— Mãe, a senhora está tão determinada a me casar com Lorde Dumont que vai ignorar que o sr. Hastings e eu... que estamos comprometidos? Como pode ser tão indiferente ao estado futuro da minha felicidade?

A duquesa voltou um olhar repreensivo para Phoebe.

— Você poderá se casar com quem quiser quando o conde estiver *morto*. Se o destino for bom para você, ele partirá em alguns anos. Há um rumor de que ele tem um coração fraco.

As palavras cruéis e gélidas de sua mãe perfuraram profundamente o coração de Phoebe.

— Significo tão pouco para a senhora, mãe? Sou apenas uma ferramenta a ser negociada para apoiar nossa riqueza e nossos bens? E minha felicidade e meu contentamento na vida?

A mãe foi até ela, e antes de Phoebe perceber sua intenção, um forte tapa recaiu em sua face. O fogo

explodiu no rosto, e com um arquejo, ela apertou a mão na bochecha esquerda.

Não se atreveu a respirar.

— Mãe?

— Sempre achei que você era muito próxima desse rapaz, e você foi muito obstinada ao se comportar de forma tão desonrosa. Não permitiremos que este casamento aconteça.

A duquesa foi até a mesa de carvalho, pegou um decantador com um líquido âmbar, caminhou até George, e de forma rude jogou um pouco do conteúdo no rosto dele. Os cílios de George se abriram, e ele passou, confuso, a mão no rosto. Ele se levantou atrapalhado e puxou o lenço no pescoço.

— Vossas Graças... eu...

— Sr. Hastings, o senhor aceitará um pagamento de cinco mil libras, e nunca mais aparecerá na nossa porta ou se atreverá a falar com nossa filha. Está entendido?

Uma fortuna para um segundo filho que só tinha esperança de entrar no clero ou na Academia Real de Música. Phoebe queria chorar pela dor e decepção que viu nos olhos escuros.

— Vossa Graça — começou ele, baixinho. — Eu imploro...

— Oito mil libras, sr. Hastings — interrompeu a duquesa, com uma terrível incivilidade.

Os olhos de George se estreitaram, e sua boca se esticou.

— Amo Lady Phoebe do fundo do meu coração...

— Dez mil libras!

As palavras caíram como ácido contra a pele dela.

— Mãe, por favor! — implorou Phoebe, humilhação rastejando em seu corpo. — Por favor, pare.

Porque sentia um medo crescente em seu coração de que a visão de mundo da mãe, para quem o dinheiro era a solução para todos os problemas, pudesse encontrar raízes naquele dia na biblioteca. Culpa imediata a invadiu por ter tão pouca fé em George.

Ele endireitou o corpo como se estivesse ofendido, e o coração dela ficou mais leve. Uma vez que ele estivesse decidido, ela lutaria com ele, por dias, semanas, se necessário.

Ele passou os dedos pelo cabelo castanho e emitiu um suspiro frustrado nada cavalheiresco.

— Vossas Graças...

— Vamos, homem, diga seu preço! — esbravejou o duque, a voz como um chicote. — E vamos acabar com esta negociação vulgar; é inadequada e desagradável!

George corou e logo olhou para longe de Phoebe. As palavras ousadas para repreender seu pai que vinham pairando na sua língua morreram naquele lampejo de culpa.

— George?

Ele não a olhou, apenas encarou a ponta limpa de sua bota bem polida. Um calafrio de aviso atravessou o corpo dela.

— Vinte mil libras — disse George, tão baixinho que ela se perguntou se tinha escutado direito. Mas, então, ele endireitou a postura e olhou além do ombro de seu pai, para um lugar fixo na cortina verde e dourada. — Vinte mil libras, Vossa Graça.

A voz de George ecoou com miséria e vergonha, e ele olhou com afinco para as cortinas e não na direção dela. O coração de Phoebe tornou-se um rugido em seus ouvidos, e ela quase desmoronou no chão. E, naquele exato momento, sentia-se insuportavelmente tola. Sua garganta queimava, embora tentasse ao máximo não chorar. A traição queimava seu coração como uma faca envenenada. Eram amigos próximos havia tanto tempo... Ela ainda se lembrava da primeira vez em que tinham se visto, fazia mais de dez anos, os muitos dias em que tinham corrido descalços pelos prados e nadado no lago que fazia fronteira com suas propriedades.

Phoebe tinha tanta certeza da amizade deles... e do amor em desenvolvimento. Em tantas ocasiões, com a maior adoração e lisonja, ele confessara seu amor. Todos os olhares enquanto se sentavam e tocavam piano-

forte juntos sempre comunicavam desejo e admiração. Mas, pelo visto, tudo aquilo tinha um preço. Vinte mil libras.

Um sentimento que jamais sofrera entrou em erupção dentro do peito de Phoebe, e era bruto e poderoso o bastante para um gemido suave de negação subir em sua garganta. Mas ela o afastou, um orgulho feroz impedindo que sua língua exigisse uma explicação. Não faria com que George e seus pais vissem suas emoções tão expostas, certamente sua vulnerabilidade convidaria um comentário severo e crítico.

— Fechado! — disse seu pai, andando em volta da mesa e retirando alguns papéis e um tinteiro.

Incapaz de testemunhar o pai escrevendo a ordem para seus advogados prepararem o pagamento, Phoebe desviou a vista. George estava olhando para ela com arrependimento e algum tipo de determinação.

— Eles jamais permitirão nosso casamento — disse ele, baixinho. — Eu... eu sinto muito...

Os dias despreocupados de felicidade e uma vida simples que ela tinha imaginado se despedaçaram. A percepção de que tinha sido arruinada em todos os sentidos se estabeleceu em seus ombros.

— O senhor é um covarde, sr. Hastings... um covarde sem honra... e eu... eu fui tola e imprudente por confiar em suas promessas vazias.

O sr. Hastings se afastou como se ela o tivesse esbofetado, e o rosto dele ficou bem vermelho.

Phoebe tinha medo de falar mais, medo de que sua voz falhasse. Ela apertou dois dedos nos lábios, balançou a cabeça, sem palavras, e correu da biblioteca.

*Estou irrevogavelmente arruinada... Oh, o que devo fazer?*

Subiu as escadas para seu quarto, chamando Lobo ao entrar. Ele correu atrás dela e, quando Phoebe caiu na cama, ele estava lá, se encostando perto do queixo dela e rosnando confortavelmente baixo. O som a acalmou, e Phoebe esfregou os dedos enluvados com gentileza atrás da orelha de Lobo.

— Milady — disse Sarah, ansiosa, abaixando o vestido que estivera pendurando no armário e caminhando até Phoebe. — A senhorita está muito pálida. Devo chamar o médico?

— Não. — Então, para o horror de Phoebe, o pranto visceral irrompeu dolorosamente de sua garganta antes que contivesse a emoção. — Eu só tenho um desejo na vida: viver meus dias feliz. Não acho que seja um desejo irracional.

E como ela tinha sido boba ao escrever aquelas esperanças para um estranho que parecia estar certo — sentimentos eram para os tolos.

— Não é irracional, milady — disse Sarah, a voz baixa, seus olhos cinza-claros brilhando com preocupação.

O falecido irmão de Phoebe, Francis, tinha uma esperança semelhante no coração, e em seus últimos dias ele havia afundado em profundo desânimo ao ter sido forçado a concordar em se casar com a mulher que sua mãe havia selecionado. No entanto, não fora a noiva a raiz da tristeza no coração dele. Seu irmão tinha morrido sem a mulher que amava ao seu lado. E o pior de tudo era que ele tinha chamado por ela em seu delírio, mas a mãe havia proibido qualquer um de cumprir o pedido do filho.

Phoebe ainda se lembrava do terror que sentira ao fugir na calada da noite, com apenas uma Sarah assustada ao seu lado, como haviam ido para Mayfair Square e batido na porta da srta. Minerva Tilby. Mas tudo tinha sido em vão. Odiando se lembrar de como a srta. Tilby havia chorado ao descobrir a morte de Francis, Phoebe afastou as memórias com força.

— Sou boba e caprichosa por desejar tal felicidade? — perguntou ela ao cachorro.

Inesperadamente, Lobo cutucou lhe o queixo, e um estranho rosnado saiu de sua garganta.

— Sério? — perguntou ela. — Você acha que eu deveria desafiar meu pai e fazer de tudo para garantir meu próprio futuro?

Sarah se engasgou e olhou preocupada para a porta fechada atrás dela, antes de olhar para Phoebe.

— Não acho que esta criatura possa ensinar nada do gênero, milady!

— O nome dele é Lobo. — Phoebe sorriu com lágrimas nos olhos quando o cão rosnou de novo. — Acho que ele ensinou, não é, meu menino?

Outro rosnado profundo e preguiçoso, e o cão lambeu o queixo dela.

— Você está certo — murmurou Phoebe com uma risada trêmula. — Sou Phoebe Maitland! Filhas de duques não permitem que o medo domine suas vidas! Não sucumbimos à autopiedade, ao desespero ou à coerção dos outros. Devemos ser espertas... espirituosas... e enganar aqueles que desejam controlar nossas vidas como se não tivéssemos pensamentos próprios!

Sarah parecia estar sufocando, mas Phoebe não deu atenção.

— Por que não posso escolher? — sussurrou Phoebe, no pescoço de Lobo. — Não sou uma pessoa que sangra, chora e tem esperanças?

— A senhorita está abalada. Vou pedir um banho quente e chá — disse Sarah, saindo às pressas dos aposentos.

— Devo continuar lutando, não devo, Lobo?

Lobo rosnou em concordância, embora pudesse ser apenas que achasse prazeroso receber carinho atrás da orelha. Richard sempre a repreendera por sua capacidade de imprudência ser verdadeiramente incomparável. Claro, Phoebe não concordava com essa avaliação; apenas não aceitava que as opiniões do seu pai, da sua mãe e da sociedade devessem comandar toda a sua vida.

Para a maioria na sociedade, era inconcebível que houvesse jovens que se atrevessem a sair das restrições ditadas pelas famílias e pela sociedade. Mas, para Phoebe, se todas as mulheres da sociedade se permitissem ser controladas pelo grupo coletivo da sociedade, então, sem dúvidas, damas famosas que admirava, como Mary Wollstonecraft, Charlotte Lamb e Lady Hester Stanhope não teriam se rebelado contra as expectativas e inspirado tantas moças da sociedade a almejar por individualidade. Ora, se Caroline Herschel tivesse seguido a persuasão de sua mãe, teria sido uma criada bem treinada, e não uma mulher de grande intelecto que tinha descoberto oito cometas!

*Como escapo do futuro que planejou para mim, pai?*

Ela poderia recorrer ao irmão? Richard tinha suas próprias aflições e batalhas para lutar, então como ela poderia pensar em sobrecarregá-lo com seus problemas? E se Phoebe fosse sincera, tinha medo de criar uma rixa mais profunda entre Richard e seus pais. Ela sentiu que não tinha a quem recorrer com todas as dúvidas, ansiedades e dores que exerciam uma pressão constante em seu coração. Phoebe estava sofrendo e sentia-se confusa. E se sentia completamente sozinha, um estado em que existia desde que Francis havia morrido e Richard tinha cortado todos os laços com o duque e a duquesa.

Francis tinha morrido muito jovem, Richard havia sido rotulado de canalha, e assim a família reinvestira suas esperanças nela. E essa esperança recaía em Phoebe conseguir uma união correta e adequada, uma que eles poderiam explorar para a política da família e para sua influência no reino. Seus pais estavam envolvidos sempre no xadrez político com os poderosos e estavam bastante determinados a conquistar mais influência para a família Maitland. Tudo o que faziam, até mesmo decidir a qual baile ir, parecia ser planejado e executado com cuidado, porque importava quem estaria presente.

Às vezes, Phoebe desejava que tivesse sido capaz de escapar como Richard. Ele havia saído das garras dos pais forjando o próprio destino, sem se importar com as consequências. Mas, claro, era diferente para Phoebe. Ela havia sido criada com os benefícios de uma excelente educação, que, de forma alarmante, dera muita atenção ao decoro, ao dever e à obediência. As damas aristocráticas não se atreviam a traçar seus destinos ou se apaixonar por um cavalheiro de sua própria escolha.

*Deus nos livre de ter sonhos e desejos próprios.*

[CLIQUE AQUI PARA SABER MAIS SOBRE A SÉRIE CASAMENTOS ESCANDALOSOS](#)